



**PRIMEIRA
DOCENTE TRANS**

“Minha maior dificuldade foi ter que ‘provar’ ser uma pesquisadora”, conta Danieli Balbi, primeira professora da UFRJ transexual e negra.

Página 6



60 ANOS DE EXCELÊNCIA NO INSTITUTO DE QUÍMICA

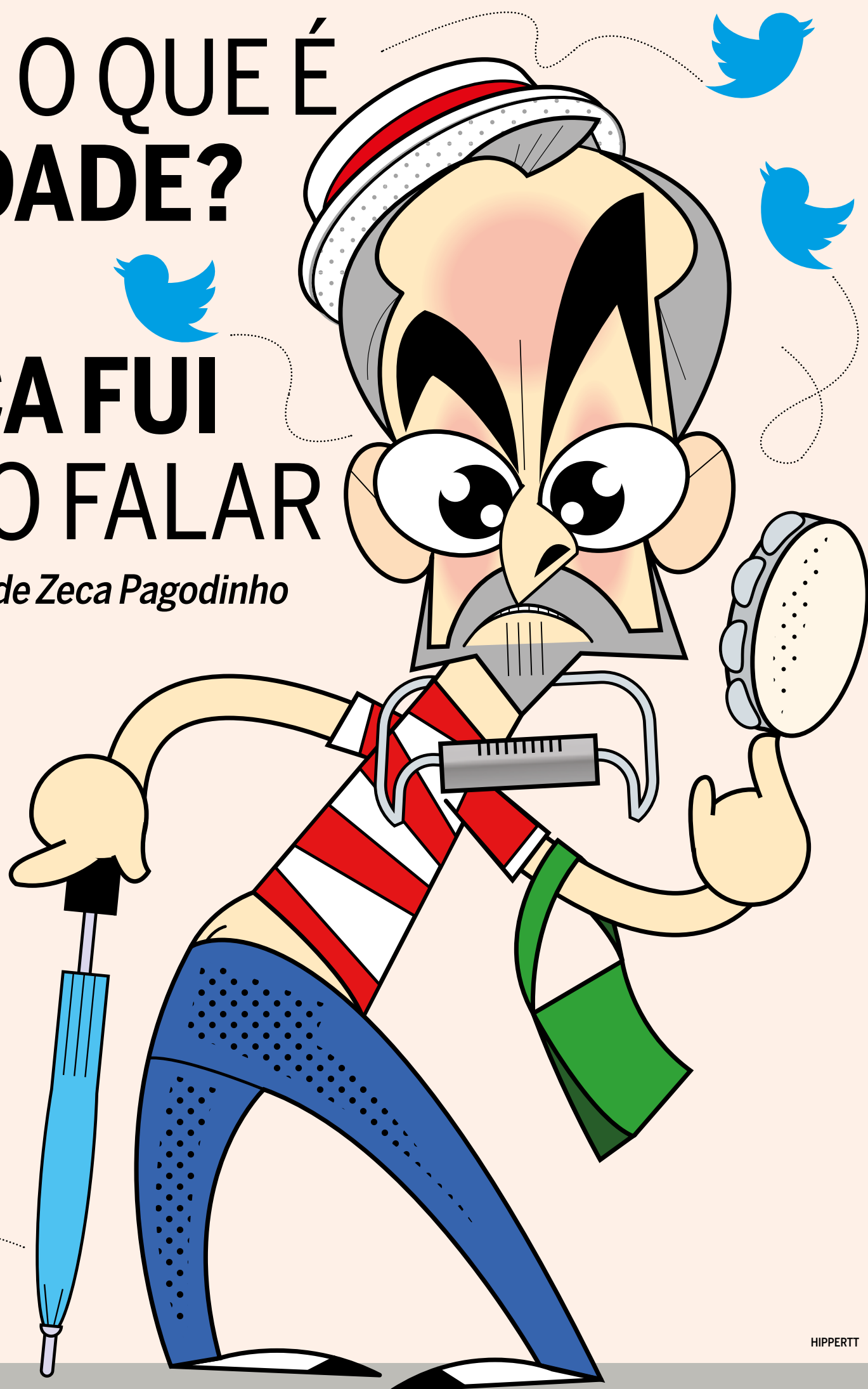
Página 4

**VOCÊ SABE O QUE É
UNIVERSIDADE?
NUNCA VI
NEM NUNCA FUI
EU SÓ OUÇO FALAR**

Adaptação do samba ‘Caviar’ de Zeca Pagodinho

Em 168 dias no posto máximo da Educação brasileira, o ministro Abraham Weintraub não visitou nenhuma universidade federal. Nenhuma. No mesmo período, ele foi a três instituições militares e tuitou 1.578 vezes. Levantamento mostra que ministros anteriores percorreram os campi universitários.

Página 3



A SEMANA

CARTA ABERTA A ABRAHAM WEINTRAUB, MINISTRO DA EDUCAÇÃO:

Caro ministro,

Em entrevista recente ao jornal Estado de São Paulo o senhor afirmou, entre outras coisas, que as universidades brasileiras têm “muito desperdício” relacionado a “politicagem, ideologização e balbúrdia”, que algumas “têm Cracolândia”, que no Brasil “todo mundo quer uma bolsinha” e, finalmente, que seu filho estudaria em Portugal, ou no Chile, ou “fora do Brasil”, mas “na federal de Minas é que não vai”.

Ao ouvir acusações e críticas tão sérias quanto essas, poderia-se imaginar que o senhor teria diversos exemplos de malversação de bolsas e pedras de crack pra mostrar, mas qual não é a nossa surpresa ao descobrir que o número de vezes que o senhor visitou alguma universidade pública enquanto ministro é... zero! Nenhuma vez! Donde apenas resta concluir que o senhor – o ministro da educação mais ignorante em universidades da história do Brasil – só as conhece pelos escritos do “guru” Olavo de Carvalho, que visita as universidades brasileiras na mesma frequência que o senhor.

Ao dizer que todos queremos “uma bolsinha”, não pense que não percebemos sua intenção de passar à população a imagem de que somos uns “encostados” em busca da proverbial “boquinha”. O Brasil hoje é o 14º maior produtor de conhecimento do mundo, com cerca de 80 mil artigos publicados apenas no ano passado e mais de 10 milhões de citações a nós desde 1996. A maioria esmagadora de todo esse trabalho só foi possível graças às agências de fomento, entre elas o CNPq e a CAPES. Nos diga uma coisa, ministro: de onde você acha que veio a viabilidade do pré-sal? Nosso programa de vacinas? A conexão entre o vírus da zika e a microcefalia? O senhor acha que essas coisas “caíram do céu”? Pois nós estamos aqui pra te dizer que, em vez de praticar “doutrinação comunista” (ou qualquer bobagem que o valha), estamos trabalhando para que mais desses avanços se materializem e beneficiem a população brasileira.

Finalmente, com relação a estudar ou não na Universidade Federal de Minas Gerais, essa é uma decisão que cabe apenas ao senhor e seu filho. Por outro lado, o senhor deveria saber que, de acordo com o ranking



do *Times Higher Education*, enquanto o Chile tem 8 universidades entre as 1000 melhores do mundo e Portugal tem 13, o Brasil tem 15 (e, entre elas, a UFMG). Assim sendo, desdenhar da universidade pública brasileira tem pouco a ver com números e muito a ver com uma severa síndrome de vira-lata que infelizmente aflige membros importantes do governo Bolsonaro.

Ou seja, ministro: quando tiver uma oportunidade de ficar calado, aproveite-a. E trabalhe.

Atenciosamente,
Felipe Rosa, diretor da AdUFRJ e vice-presidente eleito



■ O desrespeito à autonomia universitária marca o governo Bolsonaro. Dos 11 reitores de universidades federais indicados neste ano, seis nomes escolhidos pela comunidade acadêmica não foram nomeados pelo governo Bolsonaro. O MEC nomeou candidatos que perderam na lista tríplice das universidades federais de Mato Grosso, do Triângulo Mineiro, do Vale do Jequitinhonha, do Recôncavo Baiano e do Ceará. Fora da lista tríplice, foi designada uma reitora temporária na federal de Grande Dourados. Outras seis, como as de Pernambuco e Alagoas, aguardam a nomeação do futuro reitor.

AGENDA

1 e 2/10

MARCA PELA CIÊNCIA NO CONGRESSO

Entidades acadêmicas e científicas realizam atividades para influenciar Lei Orçamentária de 2020.

2 e 3/10

GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO

Com manifestações no Centro do Rio. Também haverá debate sobre privatizações no dia 2, 10h, na sala G-122 do CT (leia mais na página 4)

7/10

PLANTÃO JURÍDICO EM MACAÉ

A AdUFRJ fará o plantão jurídico em Macaé na sala de reuniões do NUPEM.

IMAGEM DA SEMANA

DESGOVERNO DE SANGUE

■ A infância de Ágatha Félix, 8 anos, moradora do Complexo do Alemão, foi sacrificada pela criminoso política de segurança pública do Rio e pelo clima de caçada e intolerância instaurado pelo presidente Bolsonaro. O governador chegou a comparar o assassinato da menina a um desastre de trânsito e prometeu que a cidade não ficaria paralisada pela morte de Ágatha. Na segunda-feira, manifestantes protestaram. “O Rio vai derrotar essa política infame e covarde”, afirmou, durante o ato, Eleonora Ziller, presidente eleita da AdUFRJ.



Em seis meses, ministro não visitou nenhum campus

> Levantamento mostra que Weintraub tocou gaita, publicou 1.578 tuítes e visitou colégio militar. Não compareceu, no entanto, a nenhuma universidade. Ministros anteriores foram a várias

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Perto de completar seis meses à frente do MEC, Abraham Weintraub conseguiu uma marca difícil de explicar para um ministro da Educação: não fez nenhuma visita a universidade ou instituto federal. É o que indica a agenda oficial do ministro no site do MEC desde 9 de abril, quando assumiu o cargo.

Também não existe notícia de que seu antecessor, Ricardo Vélez Rodríguez, tenha comparecido a algum campus federal. O fato de Vélez ter durado pouco mais de três meses como primeiro ministro do MEC do governo Bolsonaro até poderia ser uma desculpa. Mas insuficiente.

Cid Gomes foi ministro da Educação de Dilma Rousseff de 1º de janeiro de 2015 a 18 de março do mesmo ano. Menos de três meses, portanto. No período, visitou a UFRJ, a Federal do Pará, a Unifesp, a UnB e os institutos federais de São Paulo, do Pará e do Rio de Janeiro, entre outros campi, em rápido levantamento feito pela reportagem.

A impopularidade do presidente Bolsonaro junto à comunidade acadêmica e o receio com protestos também poderiam servir como argumento. Mas situação semelhante não impediu que os ex-ministros Mendonça Filho (maio de 2016 a abril de 2018) e Rossieli Soares (abril de 2018 a dezembro de 2018) do governo Temer visitassem universidades e institutos – mesmo que em encontros mais restritos com as reitorias.

É verdade que o ministro tem se reunido com os dirigentes universitários em seu gabinete no MEC. Mas os gestores observam que as visitas são importantes para esclarecer algumas críticas infundadas de Weintraub. Em recente entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, o ministro voltou a dizer que as universidades são caras e desperdiçam



SHISMENIA/MEC - 05/09/2019



REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO

TEMPO LIVRE Só para visitar a PM de Mato Grosso, tocar gaita e fazer performance de Gene Kelly

muito dinheiro com atividades não relacionadas à Educação ou à Ciência: “Vamos dar uma volta em alguns campus (sic) por aí? Tem cracolândia. Estamos em situação fiscal difícil e onde tiver balbúrdia vamos para cima”, diz um trecho.

Uma fonte ligada à administração da UnB diz que Weintraub já foi pessoalmente convidado a conhecer a instituição pela reitora Márcia Abrahão, por exemplo. “É importante para ele conhecer a realidade, o que fazemos de bom e nossas dificuldades”. E completa: “A UnB é muito perto do MEC. O ministro levaria dez

minutos de carro, no máximo”.

Tempo não parece ser um problema para o titular do MEC. O ministro é conhecido por ficar longos períodos ao celular, principalmente tuitando. Weintraub ingressou no twitter em 24 de abril e, desde então, publicou 1.578 posts na rede social. O que dá uma média de 10,3 publicações por dia. Em muitas delas, o ministro toca gaita.

Outra demonstração de tempo livre é a participação em cerimônias que não têm relação com a missão do ministério. Em 18 de julho, foi a uma formatura da PM do Distrito Federal. Em 6

de agosto, Weintraub esteve no sétimo aniversário do Colégio Militar Tiradentes de Brasília. Em 5 de setembro, compareceu a uma formatura comemorativa dos 184 anos da PM do Mato Grosso. De acordo com decreto presidencial nº 9.665 de janeiro deste ano, o ensino militar não é área de competência do MEC.

FURO COM A ANDIFES

Weintraub, até hoje, também não visitou a sede da associação nacional dos reitores das instituições federais (Andifes). Apenas recebeu a associação em seu gabinete. “Já convidamos. A

“TODO MUNDO QUER UMA BOLSINHA”

O desprezo pela pesquisa e o desconhecimento da realidade das universidades se destacam na entrevista que o ministro Abraham Weintraub concedeu ao Estado de S. Paulo, na segunda (23). Ao jornal, o titular do MEC anunciou que as instituições que aderirem ao Future-se passarão a contratar professores e técnicos pelo regime celetista.

Questionado se os recursos recém-liberados para financiar bolsas da Capes seriam suficientes, Weintraub disparou uma resposta desrespeitosa com os pesquisadores: “Todo mundo quer uma bolsinha. No Brasil, todo mundo acha que o dinheiro cai do céu”.

Sobre a crise orçamentária em várias instituições, Weintraub desafiou a reportagem a citar um caso de falta de recurso. Como se as instituições não estivessem em atraso com contas de empresas e concessionárias.

Andifes está sempre aberta ao diálogo. Então sempre que qualquer ministro desejar, estamos de portas abertas”, afirma o secretário-executivo Gustavo Balduino.

Questionada pela reportagem, a assessoria do MEC respondeu que “a agenda do ministro é pública e apresenta todos os compromissos desde que ele tomou posse”. O ministério não informou se há planos de visita a alguma universidade federal nem o motivo pelo qual o ministro não compareceu a nenhum campus. Também não foi justificada a presença em eventos fora da competência do MEC.

NO SENADO, REITORES VOLTAM A CRITICAR FUTURE-SE

O programa Future-se foi duramente criticado por reitores de diversas universidades federais em audiência pública realizada pela Comissão de Educação do Senado, no dia 17.

A reitora da Universidade de Brasília, Márcia Abrahão, apontou a falta de clareza com relação a vários pontos da minuta

enviada pelo MEC às universidades. Entre os pontos, citou a dispensa de chamamento público para a adesão aos contratos de gestão, a falta de informações sobre o comitê gestor do programa e a previsão de que metas e indicadores de governança serão estabelecidos depois, por “ato do ministro da Educação”.

Ressaltou ainda que a minuta não aborda o financiamento público das instituições federais de educação superior.

Para a reitora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Wanda Hoffmann, o projeto pode trazer vantagens, mas há riscos relevantes, como a ameaça à autonomia universitária.

Outra preocupação apontada pela reitora é que a adesão diminua ainda mais os recursos públicos destinados às instituições.

Durante a reunião, a reitora da UFRJ, Denise Pires de Carvalho, criticou o Future-se e defendeu a aprovação da PEC nº24/2019, em análise na Câmara dos De-

putados. O texto propõe excluir dos limites das despesas primárias de cada instituição aquelas que são financiadas por receita própria, de convênios ou doações. Hoje, os recursos próprios gerados pelas universidades não são revertidos integralmente para seus orçamentos.

(Fonte: Agência Senado)

Cortes obrigam UFRJ a adiar aplicação do THE

> Testes de Habilidade Específica são necessários para acesso à graduação de vários cursos. Universidade conseguiu verba emergencial para vigilância

ANA PAULA GRABOIS
E KELVIN MELO
elisamonteiro@ufrj.org.br

Se dinheiro, a UFRJ adiou, por tempo indeterminado, a realização dos testes de habilidade específica (THE) e de Conhecimento Específico (TCE) para acesso à graduação em 2020. A medida prejudica 1.673 candidatos aos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Composição de Interior, Composição Paisagística, Comunicação Visual Design, Desenho Industrial – Projeto de Produto, Dança e Música (THE) e 178 para o curso de Letras/Libras (TCE). É o mais recente reflexo dos cortes orçamentários do governo na maior universidade federal do país.

“A administração central ficou muito consternada em tomar

esta medida. A UFRJ é uma das poucas instituições federais de ensino superior que oferece alguns desses cursos. Temos procura do Brasil todo”, lamentou a pró-reitora de Graduação, professora Gisele Pires. “O impacto social é muito grande. Estamos adiando sonhos, propostas de vidas”, completou.

A pró-reitora enfatizou que os testes não foram suspensos. “Foram adiados. Fizemos uma estimativa de R\$ 240 mil, no mínimo, para realizar esses exames. Quanto mais cedo fizemos, melhor. É a prioridade da graduação hoje”, afirmou.

VIGILÂNCIA AMEAÇADA
Com recursos bloqueados pelo MEC, a universidade também vive uma situação preocupante com o serviço de vigilância nos campi. As empresas estão sem pagamento há dois ou três



FERNANDO SOUZA

EXPECTATIVA: Vigilantes já sofrem atraso no recebimento de salário

meses e o salário de agosto dos vigilantes começou a atrasar.

Na terça-feira (24), a reitoria conseguiu fechar um acordo com as empresas, após receber um aporte emergencial de R\$ 4 milhões do ministério. O valor equivale ao pagamento de pouco mais de um terço da dívida total com as empresas terceirizadas de vigilância, de R\$ 11,15

milhões. São quatro as firmas que fazem a vigilância nas instalações da UFRJ: Front, Fênix, Guard Angels e Angels.

Uma paralisação chegou a ser marcada na semana passada, mas a administração central conseguiu negociar, à espera do desbloqueio de parte do orçamento do MEC. O governo federal anunciou o descontin-

genciamento de R\$ 1,9 bilhão do MEC, mas ainda não informou os valores que serão destinados às universidades. Nos últimos 30 meses, a UFRJ teve R\$ 157 milhões cortados do orçamento previsto.

“Dependemos efetivamente de descontingenciamento de verbas do governo federal”, disse o pró-reitor de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças da UFRJ, Eduardo Raupp. “A universidade está mantendo o diálogo em aberto com as empresas e com os trabalhadores, tentando evitar que haja qualquer paralisação”.

Na ponta mais fraca da corda, os vigilantes aguardam seus salários. Há oito anos no Fundão, um deles relata a angústia com o atraso do salário para acertar as contas domésticas. “Peguei dinheiro emprestado para a luz e o aluguel venceu na sexta-feira”, disse. **(Colaborou Elisa Monteiro)**

DÍVIDAS Até agosto
FRONT: R\$ 6,16 milhões
FÊNIX: R\$ 519 mil
GUARD ANGELS: R\$ 1,54 milhão
ANGELS: R\$ 2,93 milhões
TOTAL: R\$ 11,15 milhões

Alunos recolhem 10kg de lixo no CT

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@ufrj.org.br

Um grupo com mais de 20 estudantes das Engenharias Civil, Ambiental e Oceânica recolheu 10 quilos de plástico espalhados pelos pilotis e estacionamentos do Centro de Tecnologia, na manhã da sexta-feira (20). A ação fez parte de uma mobilização internacional para a conscientização sobre o acúmulo de lixo nas regiões costeiras.

“A princípio, a limpeza seria feita nas praias do Fundão, mas depois avaliamos que seria mais interessante fazer no espaço onde estamos todo dia”, contou a aluna da Engenharia Ambiental, Maria Alice. “A ideia é

trabalhar a conscientização e valorização do lixo como potencial resíduo. Ou seja, algo que não precisa ser simplesmente descartado. Mas que pode voltar à cadeia produtiva como reciclado”, acrescentou.

A atividade na universidade foi realizada em parceria com o Recicla CT, um programa de gestão de resíduos recicláveis da decania do Centro de Tecnologia. “Depois da coleta, todo o resíduo será pesado, separado e destinado para reúso”, explicou Carolina Contador, pós-graduada da Engenharia Civil.

Para o professor Claudio Freitas Neves, da Engenharia Oceânica, um dos articuladores da atividade, a participação dos



ELISA MONTEIRO

CONSCIÊNCIA Alunos recolheram 10 kg de lixo nos pilotis e jardins

estudantes beneficia a formação profissional e cidadã do aluno da UFRJ. “Não há como se formar em Engenharia Oceânica sem estar ligado ao meio

ambiente. E hoje, mais do que nunca, é importante que os alunos estejam envolvidos com as grandes questões ambientais”, avaliou.

O docente defendeu ainda a articulação entre os estudantes brasileiros e os de instituições estrangeiras. “É parte da internacionalização. Entidades como a ASCE (American Society of Civil Engineers) – uma das impulsionadoras do “Clean up the World” – propiciam um sistema colaborativo de apoio, inclusive financeiro, para participação dos nossos estudantes de eventos fora”, contou. “É uma experiência extracurricular interessante para a vida profissional do aluno. Eles precisam saber que existe vida após a universidade”.

No Rio de Janeiro, os mutirões de limpeza foram realizados em vinte pontos da cidade, entre praias, lagoas e parques.

NOTAS

INSTITUTO DE QUÍMICA FAZ 60 ANOS E CCS CELEBRA CINQUENTENÁRIO

O Instituto de Química celebra seis décadas este ano. Os 60 anos foram comemorados com sessão solene com a reitora Denise Pires de Carvalho, debates sobre o ensino e a pesquisa na graduação, pós-graduação e extensão, homenagens a ex-diretores, ex-professores e ex-alunos, além de depoimentos de atuais alunos, funcionários e docentes nos dias 14 e 15 de agosto, no auditório do Centro Cultural Horácio Macedo.

Já o Centro de Ciências da Saúde (CCS) completou 50 anos neste mês. Uma sessão solene do conselho de coordenação do centro ocorreu no dia 16 com a reitora e o decano Luiz Eurico Nasciutti.

Para marcar o Jubileu de Ouro, foi organizada uma extensa programação até novembro. Um dos eventos é o 1º Encontro dos Programas de Pós-Graduação do CCS, entre 21 e 25 de outubro.



ANIVERSÁRIO
Sessão solene em homenagem ao CCS. Instituto de Química comemora com defesa da Ciência e da Educação.

IMPACTO DA PRIVATIZAÇÃO DO SETOR DE ENERGIA

A AdUFRJ e a Coppe realizam no dia 2 de outubro, às 10h, no auditório do bloco G (sala 122) do Centro de Tecnologia um seminário sobre o impacto tecnológico da privatização do setor de energia.

Haverá palestras de: Luís Eduardo Duque Dutra (Escola de Química), Luiz Pinguelli Rosa (Emérito da Coppe), Ildo Sauer (USP), Esther Dweck (Economia) e Roberto D'Araujo (Instituto Ilumina).

UFRJ despenca em ranking e passa a ser a 10ª do país

> Universidade também caiu entre as melhores do mundo, passando da faixa 601-800 para a faixa 801-1.000. Entre as instituições da América Latina, a UFRJ agora é a 13ª. Em 2016, era a quinta

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A UFRJ caiu oito posições entre 2016 e 2019 no ranking das melhores universidades do mundo, considerando apenas a América Latina. Segundo o World University Rankings 2020, da revista britânica Times Higher Education (THE), no global, a universidade saiu da faixa 601ª a 800ª para a faixa de 801ª a 1.000ª.

Em um ano, UFRJ despencou seis posições em relação às universidades brasileiras. Caiu do quarto lugar para a décima posição. Os dados foram publicados no dia 11. Foram avaliadas 1.396 universidades de 92 países.

O ranking avalia cinco critérios: ensino, pesquisa, citações, visão internacional e transferência de conhecimento, que são utilizados como indicadores de desempenho das instituições. Apesar do mau resultado global, a UFRJ cresceu em quatro dos cinco quesitos avaliados. O de maior variação na nota foi o de citação, que subiu de 23.6 para 26.1.

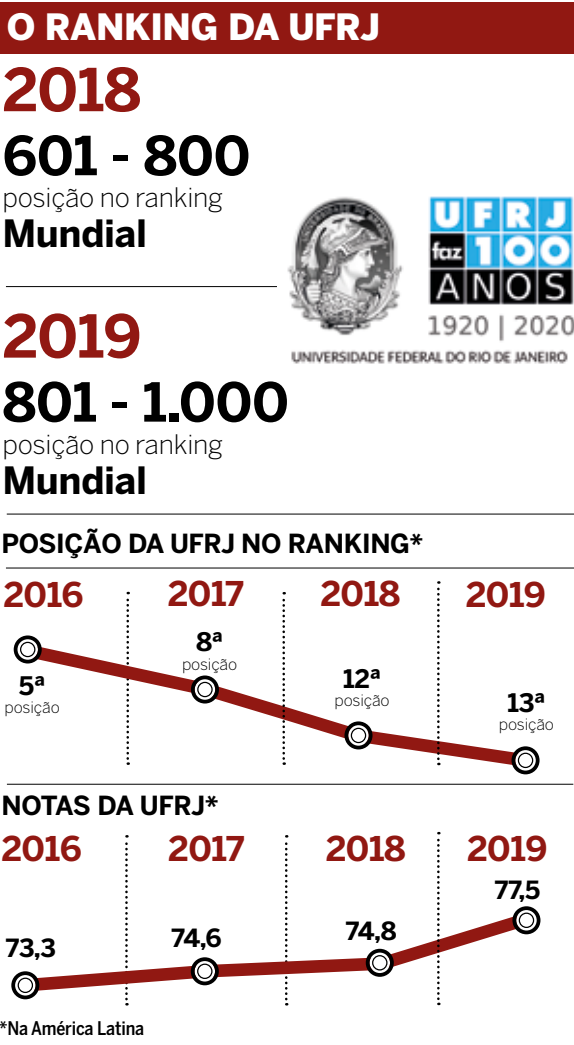
No indicador ensino, que leva em consideração a proporção entre servidores e alunos, além do número de docentes com doutorado, a nota passou de 33.4 para 34.4. Em pesquisa, aumentou de 21.4 para 22. Já a relação com a indústria variou pouco, subindo de 35.2 para 35.5. Houve ligeira queda no quesito perspectivas internacionais, que analisa o potencial de atrair estudantes de fora do país, de 29 para 28.7.

Para o professor Ricardo Medronho, coordenador de Avaliação Institucional da UFRJ – instância recém-criada na universidade – o resultado não representa uma piora da UFRJ. “A avaliação individual dos critérios mostra isso. É curioso que ela tenha caído tanto, mesmo tendo melhorado”, observa. “Somos muito grandes. Nós não melhoramos e nem pioramos bruscamente. Nosso desenvolvimento é linear”, acredita.

É necessário olhar o desenvolvimento de outras universidades para tentar entender o comportamento da UFRJ no ranking. A Universidade de São Paulo e a Universidade de Campinas – primeira e segunda colocadas entre as brasileiras –, por exemplo, tiveram melhora em todos os critérios.

Medronho acredita que o mau desempenho tenha relação com a dificuldade de a universidade levantar os dados pedidos pelas instituições que realizam os ranqueamentos. “É muito importante a universidade ter em mente que a resposta a essas organizações é fundamental. São instâncias respeitadas em todo o mundo”, avalia.

Ele argumenta que a criação da Coordenação, na atual gestão da universidade, tem como preocupação central a modernização dos bancos de dados da UFRJ. “Queremos gerir de forma eficiente os vários bancos de dados que a universidade tem. Isto vai facilitar e tornar mais rápida a extração de informações para esses rankings, mas também para que a própria universidade se conheça”, diz.



O QUE O RANKING THE* AVALIA

Para o monitoramento da qualidade acadêmica, o *THE (Times Higher Education) considera 13 indicadores de desempenho, agrupados em cinco áreas: **ENSINO** (ambiente de aprendizagem); **PESQUISA** (volume da produção, renda com pesquisa e reputação); **CITAÇÕES** (influência da pesquisa); **PERSPECTIVA INTERNACIONAL** (pessoal, estudantes e pesquisa); e **RENDA COM A INDÚSTRIA** (transferência de conhecimento).

ÁREA	IMPACTO NA NOTA
ENSINO (ambiente de aprendizagem)	36%
PESQUISA (volume da produção científica, renda com pesquisa e reputação da Instituição)	34%
CITAÇÕES (influência da pesquisa)	20%
PERSPECTIVA INTERNACIONAL (presença de servidores e estudantes estrangeiros e pesquisa realizada em colaboração com autores / instituições estrangeiras)	7,5%
RENDA COM A INDÚSTRIA (transferência de conhecimento para o setor produtivo)	2,5%

FONTES: THE - 2018 WORLD UNIVERSITY RANKINGS E Secom UnB

“Hoje é tudo muito descentralizado, lento e burocrático”.

Para o professor, a atenção aos rankings também tem um caráter estratégico e depende de uma visão política da administração central. “Se a gestão considera estes levantamentos como produtivismo, a tendência é não responder adequadamente a essas organizações. Mas isto traz consequências”.

A ex-pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Leila Rodrigues, concorda com a dificuldade em reunir os dados solicitados pelas instituições de rankings. “Justa-

mente por esta questão, criamos o Núcleo de Apoio às Políticas de Pesquisa”, explica. “Entre outras atribuições, o núcleo tinha como tarefa reunir estes dados no âmbito da PR-2 para atender às demandas de avaliações”.

Ainda de acordo com a professora, os resultados destas classificações refletem os cortes nas universidades. “Esta não é uma crítica de agora. Há alguns anos, as universidades vêm passando por sucessivos cortes orçamentários. Não há como fazer mais com cada vez menos. A gente tenta, mas há limites”, afirma a

docente.

A pesquisadora Lara Thienngo, secretária executiva da Rankintacs (Rede Brasileira de Pesquisa em Rankings, Índices e Tabelas Classificatórias na Educação Superior), acha que não. “Não é possível avaliar se os cortes na educação superior pública impactam nestes resultados, porque os dados não são de agora”, diz. Mas Lara prevê resultados bem piores em breve. “A produção de pesquisa brasileira está sendo ameaçada e os rankings medem basicamente isso”.

Doutores em inovação

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

O Parque Tecnológico começou uma parceria pioneira com o CNPq e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação: o Programa de Doutorado Acadêmico para Inovação (DAI). O projeto-piloto envolve sete bolsas, com duração de até 48 meses. A ideia é conectar doutorandos, orientadores e empresas parceiras ou localizadas no Parque e na Incubadora de Empresas da Coppe.

“Gerar oportunidades para os nossos pós-graduandos faz par-

te da missão da universidade”, diz Leonardo Melo, gerente de Desenvolvimento Institucional do Parque e responsável pelo DAI. “Por outro lado, não é trivial para as empresas encontrarem os pesquisadores que precisam para inovar”, acrescenta.

Para o doutorando em Pesquisas Computacionais, Alvaro Robles Rincón, o contato com empresas inovadoras aproxima a pós da realidade. “Acho interessante essa oportunidade de aplicar a pesquisa em situações da realidade”, avalia. A dobradinha com a empresa Neopath



CRIAÇÕES. Copo de mandioca foi primeiro produto da TOCO

Integrated Systems tem foco em segurança de informação.

A experiência da doutoranda em Engenharia Química, Nicole Amaral, em sintetizar polímeros biodegradáveis, atraiu a TOCO Inovações, empresa especializada em reaproveitamento de produtos. A firma se interessou pela pesquisa da jovem sobre

polímeros para aplicá-la em tubetes com mudas de plantas. “A manipulação do polímero de pasta para pó aumenta a superfície de contato reduzindo o tempo do produto na natureza”, explica a pesquisadora. “Não tinha a menor relação com a universidade. Mas, quando comecei, lamentei ter desperdiça-

do tanto tempo sem aproveitar essa dádiva que é a academia”, diz o empreendedor e fundador da TOCO, Cláudio Bastos.

Atualmente, o Parque faz ponte com cerca de 80 parceiros tanto da esfera pública como da iniciativa privada. “Governo estadual, municipal, Firjan, a Fiocruz: os principais atores do ecossistema de inovação estão aqui”, destaca Leonardo. Em sua visão, o principal desafio para a inovação, na UFRJ, está em ampliar o alcance da produção de inovação para além do Centro de Tecnologia.

O diretor do Parque, professor José Carlos Pinto concorda: “Nesse momento, em que há tanta restrição a bolsas, ficamos surpresos com a pequena procura. De dez bolsas, preenchemos sete”. Apenas uma delas ficou com o Centro de Ciências da Saúde.

Professora trans fala sobre os desafios na universidade

> Maior dificuldade foi ter que “provar” ser uma pesquisadora, diz Danieli Balbi, da ECO. Docente, que começou a dar aulas neste semestre, avalia recepção dos alunos e a burocracia na instituição

GIULIA VENTURA
giulia@adufRJ.org.br

Danieli Balbi é a primeira professora da UFRJ transexual e negra. Começou a lecionar sobre Comunicação e Realidade Brasileira, mês passado, na Escola de Comunicação. E ainda aprende a lidar com os desafios de sua condição no meio universitário. Para ela, a maior dificuldade foi ter que “provar” ser uma pesquisadora. “Eu estava mais em evidência por ser única trans em quase todos os ambientes na universidade. De certa maneira, isso me fez sentir muito cobrada, sempre no centro dos holofotes”, conta. “Quando conseguimos o mínimo de inserção, ainda temos de lutar com a baixa autoestima. Há dispositivos pouco visíveis, mas muito eficazes de poder que nos excluem”, desabafa.

A identidade trans, destaca a professora, ainda é marcada por perseguições. “Grande parte acaba tendo que sair de casa



DESAFIO
Professora avalia que UFRJ já avançou muito nos últimos dez anos na causa LGBTQT

para sobreviver. E a se submeter a subempregos. É uma espécie de subcidadania. Um exemplo comum está na prostituição”, explica. “Chegar à universidade, para pessoas como nós, é vencer uma série de desafios”. Em sua visão, o movimento LGBTQT contribuiu para um avanço da inclusão na universidade.

Na sua estreia na ECO, em 15 de agosto, Dani Balbi elegeu temas como a formação do povo brasileiro, cultura e cidadania. Mas o assunto da identidade de gênero foi inevitável. “Quando eu apresentei a ementa para os alunos, falei da minha situação. Foi nesse momento que percebi o lugar que ocupava”. A recepção positiva foi imediata. “É um ambiente disposto a se oxigenar mais do que outros”, avalia.

“A nossa relação com ela é muito boa. Ela consegue transformar as aulas em algo interessante, divertido e didático ao mesmo tempo”, relatou Mateus Vianna, aluno de Dani Balbi. “Talvez tenha se tornado a melhor aula do período”. Segundo ele, sempre que surgem debates



Grande parte acaba tendo que sair de casa para sobreviver. E a se submeter a subempregos

Chegar à universidade, para pessoas como nós, é vencer uma série de desafios”

DANIELI BALBI
Professora da ECO

relacionados ao tema da transexualidade, Dani Balbi mostra seu posicionamento como mulher trans negra. “Nós lidamos com isso de uma maneira extremamente normal, não há

motivos para ser diferente”. O trabalho na Escola de Comunicação foi precedido de uma experiência no Colégio de Aplicação, onde lecionou Língua Portuguesa e Literatura, entre março e dezembro de 2016. Foi onde os alunos organizaram rifas e festas para custear sua cirurgia de mudança de sexo. “Foi, sem dúvida, a experiência que mais me marcou na Educação”.

BUROCRACIA

A universidade ainda pode avançar mais, de acordo com a professora. Após obter sentença favorável no processo de mudança de nome, em dezembro de 2015, ela solicitou à universidade a alteração nos diplomas de licenciatura (2010) e de mestrado (2014). O pedido, feito em abril deste ano, ainda tramita nas instâncias administrativas da UFRJ. Em sua visão, falta sensibilização dos agentes públicos para lidar com pessoas transexuais. “Eu não senti má vontade, senti desconhecimento”, disse. “A burocracia ainda é muito forte”.

Museu ganha sessão solene no Congresso

> Unidade também é homenageada com uma exposição no corredor de acesso ao plenário

REDAÇÃO DA Adufrj
comunica@adufRJ.org.br

“O Museu Nacional Vive” foi uma expressão que a comunidade da UFRJ aprendeu a usar depois do incêndio de setembro do ano passado para mostrar a resistência da unidade e seus integrantes. Mas, desde o último dia 18, a frase figura também em uma exposição no Congresso Nacional, em Brasília. Com curadoria da museóloga e

historiadora Thereza Baumann, a mostra apresenta a história do Museu Nacional e de seus antecedentes. São painéis que retratam o prédio desde 1818 até a fase pós-incêndio. A exposição ficará em cartaz até 18 de outubro, no corredor da galeria de acesso ao Plenário do Congresso. Diretor da unidade, o professor Alexander Kellner, compareceu à inauguração. “O projeto de uma exposição no Congresso



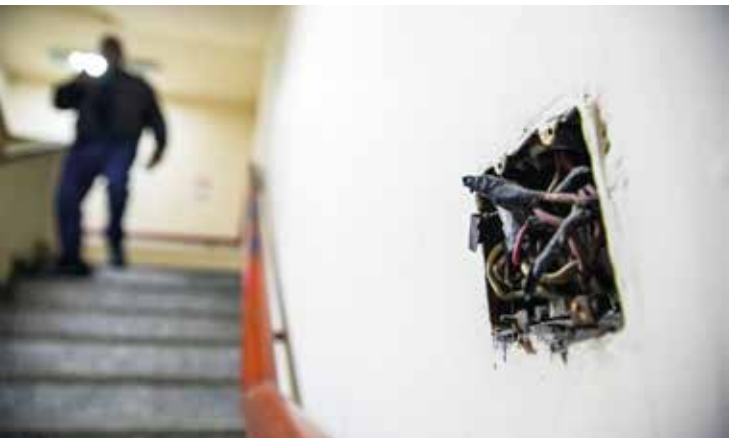
201 ANOS Painéis retratam história do prédio desde o início, em 1818. Exposição vai até 18 de outubro

Nacional estava sendo articulado desde 2018. À época, o enfoque era a expansão da instituição. A tragédia do incêndio mudou tudo. Agora o foco passa a ser a reconstrução”, explica. “É um lugar de muita visibilidade para os deputados que passam por ali todos os dias. Este era um de nossos objetivos. Para nós, é muito importante que vejam o quanto o Museu Nacional representa para o Rio de Janeiro e para Brasil”.

Na mesma data de abertura da exposição, o Museu foi homenageado em sessão solene na Câmara. “Quando a bancada foi fazer a visita no Museu após aquele incêndio, que emoção que nos deu estar ali vendo o olhar de cada um deles (servidores e estudantes), um olhar comprometido, pesaroso da perda, mas, ao mesmo tempo, confiante de que reergueremos nosso Museu Nacional”, disse a deputada Benedita da Silva

(PT-RJ). Na sessão, foi exibido um trecho do documentário “Resgates”, lançado dia 19 na WebTV UFRJ. “O que nós vimos hoje, no filme, é um exemplo do poder da nossa Academia. Os servidores técnico-administrativos, os professores, os estudantes, todos unidos, com muita paixão pelo Museu, trabalhando na sua reconstrução”, destacou a reitora Denise Pires de Carvalho. **(com informações do site da UFRJ)**

FOTOS: FERNANDO SOUZA



PERIGO Fiação exposta indica necessidade de reforma da rede elétrica no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho. Pacientes demonstram preocupação com infraestrutura

Prevenção a incêndios é foco dos hospitais da UFRJ

> A tragédia no Hospital Badim, na Tijuca, reforçou a preocupação de pacientes e profissionais das unidades de saúde da UFRJ. Medidas preventivas estão em curso, como a formação de brigadistas

ANA PAULA GRABOIS, SILVANA SÁ E ELISA MONTEIRO
comunica@adufrrj.org.br

As principais unidades hospitalares da UFRJ, em graus variados, ainda não são capazes de garantir uma resposta rápida e eficiente a um incêndio de grandes proporções, como o que atingiu o Hospital Badim, no Maracanã, em 12 de setembro. Rede elétrica necessitando de reparos, falta de treinamento para evacuação, formação de brigadistas ainda em andamento, convênio com os bombeiros pendente de recursos. A situação também mostra uma das faces mais perversas do estran-

gulamento financeiro sofrido pela UFRJ nos últimos anos, que pouco pode investir em medidas preventivas. Nos corredores do Hospital Universitário é possível encontrar fiações expostas e pacientes preocupados. A maioria se queixa de não saber o que fazer em caso de incêndio. “Sou paciente há 30 anos. Nunca participei e nunca vi simulações. Não sei como me comportar numa emergência”, conta Waldicélia Araújo. Já Roberto Pereira, que frequenta a instituição há 40 anos, acredita que os extintores disponíveis são insuficientes. “São poucos. Tem corredor com muitos. Em outros, nenhum”, reclama. Antonieta Fagundes, acompanhante de paciente, afir-

ma que os vazamentos próximos ou sobre fiações são o que mais a preocupa. “Há goteiras direto das luminárias, fios expostos. O risco de curto é muito grande”, diz. A estrutura do prédio é antiga (a construção foi iniciada nos anos 50) e não conta com mobilidade facilitada. “Recebemos treinamento pra manusear os extintores, mas, se pegar fogo, não temos rampas para evacuar rapidamente o prédio”, diz um servidor que prefere manter o anonimato. “Como descer com macas e cadeiras de rodas, de maneira ágil, por essas escadas?”, questiona. Segundo a assessoria de imprensa do HU, foi iniciada, em julho, a revisão das instalações elétricas e hidráulicas. “As tu-

bulações estão sendo trocadas à medida que a rotina exige, bem como a parte elétrica”, informou. O hospital implantou um projeto de prevenção de incêndios e pânico ainda no primeiro semestre deste ano “para aperfeiçoar as medidas de segurança, seguindo determinação do Corpo de Bombeiros”, informa o HU. “As ações foram iniciadas logo depois do incêndio do Museu Nacional”, explica a assessoria. A Reitoria da UFRJ ofereceu às unidades a contratação do Programa Estadual de Implantação de Serviços (Proeis), no qual bombeiros militares trabalhariam nas unidades nos horários de folga e receberiam uma gratificação. O custo, no entan-

to, fica a cargo de cada unidade. O HU estuda a possibilidade. Desde janeiro, a Coordenação de Políticas de Saúde do Trabalhador faz a análise de dados sobre a estrutura, a contagem de pessoas que circulam no prédio e vistorias locais. O hospital vai promover, em parceria com o Sintufrj em outubro, a capacitação de brigadistas voluntários e treinamento de funcionários para evacuação de emergência. Hoje, há apenas um gerador para suportar, em caso de queda de energia, as áreas de assistência, CTI, emergência e centro cirúrgico. Para instalar três geradores previstos, é necessária a reestruturação da rede elétrica. Mas não há prazos nem dinheiro para a solução do problema.

MATERNIDADE AVALIA BRIGADAS

Em seus mais de 115 anos de atividade, a Maternidade-Escola da UFRJ, localizada no bairro de Laranjeiras, nunca vivenciou um incêndio de proporções como o do Badim. A unidade já teve problemas pontuais em equipamentos, sem vítimas e com prejuízos reduzidos. Em março, em uma visita espontânea, o Corpo de Bombeiros apontou uma série de exigências, incluindo o cronograma de execução do Projeto de Segurança contra Incêndio e Pânico. Em junho, o hospital obteve a documentação que comprovou o atendimento do cronograma. “Bem antes da

tragédia da semana passada, já estávamos procurando estar dentro da conformidade que nos é esperada. Nossos funcionários não estão completamente preparados para este tipo de situação, apesar de já termos uma equipe de brigadistas, o que, para absoluta segurança, requer treinamento constante”, afirmou o diretor de Logística e Infraestrutura da unidade, Fernando Salles Vieira. A reitoria ofereceu o Proeis, com bombeiros dentro das unidades, mas, devido ao custo financeiro de sua contratação, a maternidade ainda está analisando a adesão ao programa.

O gerador da unidade passa por manutenção mensal e se encontra em local isolado das demais áreas do hospital, o que garante maior segurança.

MANUTENÇÃO CONSTANTE
Para fazer a manutenção e dos mais de 120 aparelhos de ar-condicionado, a maternidade-escola mantém contrato com uma empresa que disponibiliza um profissional durante cinco dias na semana. “As instalações elétricas e o PC de luz são constantemente verificados, pois o hospital funciona 24 horas por dia”, completou Vieira.

IPPMG BUSCA APOIO PARA PLANO DE EMERGÊNCIA E BRIGADA

O hospital pediátrico da UFRJ não possui plano de emergência nem brigada de incêndio. Mas, de acordo com a unidade, uma “parceria com o HUCFF e o Corpo de Bombeiros” para utilização desses militares em horários alternativos “está em construção”. Por e-mail, o diretor do IPPMG, Bruno Moreira, reconheceu que a parte elétrica preocupa. Mas enfatiza os limites impostos pela restrição orçamentária da universidade. Entre as iniciativas possíveis, o

diretor lista a instalação do gerador “em área externa ao prédio, com manutenção preventiva mensal” e o uso de “extintores de incêndio com cargas de manutenção nos prazos de validade e com quantidades e tipos corretos”. Segundo o dirigente, o hospital possui três hidrantes no entorno. Foi solicitada à Prefeitura Universitária uma avaliação dos equipamentos. A arquitetura do prédio é considerada uma vantagem. “A estrutura permite várias alternativas de evacuação”, justifica. Usuários dizem se sentir seguros. “Nunca vi acidente ou coisa assim aqui. O Hospital passa segurança para a gente. É referência”, avalia José Luis, pai de Davi Luis, três anos, internado para cirurgia de hérnia inguinal.



EXCELÊNCIA Doutorando do Instituto de Biofísica, Tadeu Ramos cultiva os protozoários que são utilizados nos experimentos da pesquisa para tratamento da leishmaniose

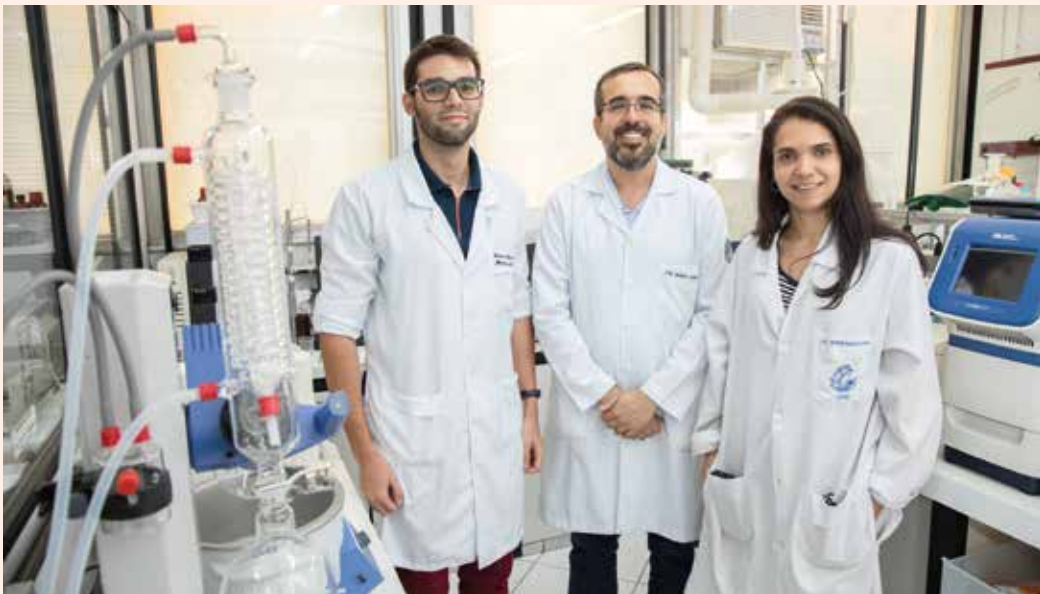
UFRJ DESENVOLVE TRATAMENTO ORIGINAL PARA LEISHMANIOSE

Pesquisa do Instituto de Biofísica descobriu uma forma de bloquear a ação de protozoários que causam a doença no Brasil. Mas cortes orçamentários nos insumos e nas bolsas dos pós-graduandos ameaçam o estudo

ARTHUR BOMFIM
arthur@adufRJ.org.br

Pesquisadores do Instituto de Biofísica desenvolveram um tratamento alternativo para a leishmaniose. A pesquisa, coordenada pelo professor Herbert Guedes, descobriu um método de bloquear moléculas induzidas pelos protozoários causadores da doença no Brasil – entre eles o *Leishmania amazonensis*, o mais comum –, e revigorar o sistema imune. Guedes trabalha com o desenvolvimento de vacinas antileishmaniose desde 2003. Em 2010, quando começou a dar aulas em Caxias, no antigo polo de Xerém, teve a oportunidade de expandir seus estudos para a área da imunologia. “Essa pesquisa é fruto disso, de intervenções imunológicas para tratar a doença, tentando eliminar o que o parasita faz no organismo. Com o método, o sistema imune volta a funcionar como deveria, volta a produzir moléculas que matam o protozoário”, afirmou. A Leishmaniose é uma doença infecciosa causada por protozoários parasitários transmitidos pela picada de insetos flebotômíneos – o mosquito-palha é o exemplo mais conhecido de vetor da doença no Brasil. Além disso, existem dois tipos de manifestação da enfermidade, a leishmaniose visceral e a cutânea. Na pesquisa desenvolvida pelos cientistas do IBCCF, o tratamento alternativo seria viável para pessoas que apresentem a forma rara e mais grave da doença, a leishmaniose

cutânea difusa, ou para pacientes que não consigam se recuperar com o tratamento convencional. “O tratamento convencional é uma quimioterapia. Nesse caso, o que propomos é uma imunoterapia bloqueando moléculas que impedem o sistema imune de funcionar corretamente”, explica o pesquisador. “O primeiro oferece uma ação direta no protozoário; o que estamos fazendo é ajudar o sistema imune a controlar a infecção”, completa. Até o momento, a pesquisa foi realizada somente em camundongos. Para ser testada em humanos, é necessária uma autorização do Ministério da Saúde – ainda sem previsão. Segundo Herbert Guedes, até o momento foram gastos cerca de R\$ 30 mil com a compra de anticorpos para a testagem nos camundongos. Para o pesquisador, em meio a um cenário de corte de bolsas e de redução do financiamento de pesquisas no país, houve uma diminuição da capacidade de atuação. “Eu poderia fazer muito mais, mas estou fazendo menos. Já há muito tempo vem sendo reduzido o financiamento em pesquisa e, assim, vemos nossos estudos serem diminuídos. Os alunos que fizeram essa pesquisa têm bolsas ou da Capes, ou Faperj ou CNPq. Sem essas agências, é impossível a gente fazer ciência. É muito preocupante o corte de bolsas”, afirma. **RECEIO COM AS BOLSAS** Alessandra Martins, doutoranda da Biofísica, desenvolve tese voltada à associação do tratamento convencional da leishmaniose com o tratamento alternativo proposto pelo estudo. A estudante confirma o receio do professor com os



EQUIPE Da esq. para a dir.: Tadeu Ramos, Herbert Guedes e Alessandra Martins



ATÉ O MOMENTO estudo ainda está na fase de testes em camundongos

cortes na pesquisa. Para ela, apesar de não cobrir todas as suas despesas pessoais, a bolsa é essencial para a continuação dos estudos. “O que eu recebo é fundamental para exercer o nosso trabalho, que é de dedicação exclusiva, e ao mesmo tempo para elevar o nome do nosso país no mundo”, disse ela. Tadeu Ramos, também doutorando do instituto, fez parte da primeira turma da graduação em biofísica da UFRJ no polo de Xerém. Foi onde conheceu o professor Herbert e acabou se interessando pelo estudo da leishmaniose.

Hoje, ao observar o contexto político que cerca a realidade da ciência no país, fica preocupado em relação ao futuro da própria bolsa, que recebe do CNPq. “Sinto medo. Até o momento, só temos certeza de que o CNPq vai nos pagar até o próximo mês. Depois disso, não sabemos se vamos receber mais dinheiro”, disse. “Vivemos lendo matérias sobre corte de verbas para cobrir os insumos das pesquisas. Como fazer pesquisa sem insumo? Já tentamos reutilizar os materiais do laboratório. Como o dinheiro está curto, temos que racionar”, completou.